



A metáfora psicológica de Sigmund Freud: neurologia, psicologia e metapsicologia na fundamentação da psicanálise

Richard THEISEN SIMANKE & Fátima CAROPRESO



RESUMO

Este artigo retoma o problema da relação entre a obra neurológica e a obra psicanalítica de Freud e do grau de continuidade ou de ruptura que é possível estabelecer entre elas. Ele aborda, primeiro, as evidências da persistência da referência neurológica no período mais tipicamente psicanalítico da produção freudiana, procurando mostrar que essa referência não é circunstancial ou episódica, mas está sempre relacionada a desenvolvimentos importantes das ideias metapsicológicas. Num segundo momento, são discutidas algumas passagens em que supostamente Freud estaria reiterando o abandono de seu projeto inicial de formular uma teoria neurológica da mente. Procuramos argumentar que Freud reitera nessas passagens tão somente sua recusa da teoria das localizações cerebrais, que data dos primórdios de seu pensamento. A originalidade da psicanálise freudiana não residiria, então, na formulação de uma teoria exclusivamente psicológica da mente consciente e inconsciente, mas na construção de modelos teóricos não-isomórficos da relação mente-cérebro, que constituem o cerne da teoria do aparelho psíquico, com todas as formulações metapsicológicas a ela relacionadas.

PALAVRAS-CHAVE • Freud. Metapsicologia. Neurologia. Psicologia. Problema mente-cérebro.

INTRODUÇÃO

Ninguém ignora que Freud começou sua carreira como neurologista, abandonou, a partir de certo momento, a pesquisa neuroanatômica ou neurofisiológica pura e passou a dedicar-se à clínica das neuroses, encaminhando-se depois, pouco a pouco, para a investigação psicológica. A teoria e o método psicológico que resultaram dessas investigações vieram, em conjunto, a denominar-se *psicanálise*. Para fundamentá-la Freud criou uma disciplina especulativa, destinada a construir, a partir dos dados obtidos pela aplicação do método psicanalítico na clínica, toda uma concepção sobre a determinação inconsciente dos processos mentais, sobre a natureza do psíquico em si e sobre o modo como se dá sua relação com os processos cerebrais e somáticos em geral. Desde 1896, o neologismo “metapsicologia” surge na correspondência de Freud

para designar essa disciplina. Holt (1989) faz um eficiente inventário e discussão dos usos e sentidos em que Freud emprega o termo e o conceito de metapsicologia desde sua correspondência com Fliess, embora num viés fortemente depreciativo, que não vê na mesma senão a persistência de certas orientações teóricas reminiscentes de seu trabalho como neurologista. No entanto, talvez uma avaliação mais positiva da metapsicologia possa ser sustentada, justamente, *por causa* da sua relação com o projeto neurológico inicial de Freud, e não *apesar* dela. É esse caminho que se procurará trilhar aqui.

De fato, a posteridade freudiana e os comentadores da obra de Freud em geral concordam que a metapsicologia fez-se herdeira do projeto de fundamentar neurocientificamente a investigação dos processos mentais. Por razões práticas e circunstanciais que alteraram sua carreira acadêmica e científica ou por uma reorientação doutrinária devida aos próprios resultados da investigação, Freud teria rompido com seu programa inicial de formular uma teoria neurológica da mente, o qual teria sido sustentado de uma forma ou de outra pelo menos até a redação do *Projeto de uma psicologia científica* (Freud, 1975 [1895]), e depois abandonado. A metapsicologia teria sido a forma possível encontrada por ele de conservar, pelo menos em princípio, as diretrizes epistemológicas que haviam norteado aquele programa (explicação causal, determinismo, reducionismo fisicalista ou biológico etc.). As divergências versam sobre o valor e sobre a própria viabilidade desse encaminhamento, sobre a relação entre a obra neurológica e a obra psicanalítica de Freud e sobre a significação e o papel da metapsicologia no âmbito desta última.

Uma primeira tendência, inaugurada por Politzer (1928), considera a metapsicologia como um resíduo arcaico da filiação de Freud à ciência natural do século XIX e afirma a sua heterogeneidade e incompatibilidade para com as descobertas clínicas da psicanálise e a tarefa concreta da interpretação. Essa linha de abordagem foi dominante nos estudos freudianos por muito tempo. Para os autores que a adotaram (Dalbiez, 1947; Ricoeur, 1965; García-Roza, 1984; Mannoni, 2002, entre outros), a obra neurológica de Freud tem um interesse meramente histórico, por ter sido a ocasião da emergência das primeiras intuições psicanalíticas. A própria ideia de uma teoria neurológica do mental se afigura, por vezes, tão impensável para esses autores, que alguns deles chegam a recusar que Freud alguma vez a tenha sustentado seriamente. Suas fórmulas nesse sentido não teriam passado de construções metafóricas e provisórias, enquanto ele ainda estava em busca da linguagem psicológica adequada para enunciar suas descobertas. A metapsicologia seria, então, um discurso descartável sobre forças psíquicas metafóricas ou, mesmo, mitológicas, que a psicanálise deveria às suas origens na medicina e na biologia do século XIX. A crítica teórica e a investigação clínica contemporâneas só poderiam ter por função extirpá-la. Desde esse ponto de vista, as

manifestações de um reducionismo organicista ou mesmo bioquímico nos textos mais tardios de Freud seriam uma espécie de excentricidade sua, resultado de uma espécie de apego sentimental aos princípios científicos e teóricos que presidiram à sua formação, que se prolongou até os confins de sua obra.

Muito mais recentemente – a partir, por exemplo, do trabalho seminal, nesse sentido, de Pribram e Gill (1976) –, começou a firmar-se a tendência oposta de valorizar os trabalhos neurológicos de Freud, de defender a sua importância, não apenas para a compreensão, mas para a própria formulação das teses psicanalíticas. No entanto, a continuidade estrita assim estabelecida entre a obra neurológica e a metapsicologia não necessariamente contribuiu para valorizá-la. O próprio Gill, num texto contemporâneo ao mencionado acima, defende que a “metapsicologia não é psicologia”, pois ela não apenas prolonga as hipóteses neurobiológicas iniciais de Freud, mas representa a sobrevivência mesma dessas hipóteses, numa forma implícita ou explícita. A rejeição motivada por essa interpretação se expressa de forma inequívoca:

Passei a acreditar que a ideia de que uma proposição metapsicológica tivesse que ser consoante aos dados tanto da neurologia ou biologia quanto da psicologia baseia-se na própria pressuposição que estou contestando: que uma proposição psicológica faça sentido no quadro de referência da ciência natural. Cheguei à conclusão de que as proposições metapsicológicas não são psicológicas e não são relevantes para a psicanálise enquanto tal (Gill, 1976, p. 92).

Esse tipo de avaliação era mais ou menos padrão até recentemente, porém o contexto epistemológico contemporâneo em que se discutem as relações entre o mental e o biológico pode fazer as distinções muito nítidas traçadas por Gill aparecerem como excessivamente esquemáticas. Por outro lado, o desenvolvimento explosivo das neurociências desde as últimas décadas do século xx abriu caminho para a descoberta e a renovação do interesse pela obra neurológica e psicanalítica de Freud fora da psicanálise e originou um esforço de integração e de inclusão da psicanálise no fluxo principal das ciências contemporâneas da mente (Solms e Solms, 2004; Kandel, 2005; Andrade, 2003). Evidentemente, a avaliação da continuidade entre neurologia e metapsicologia que se pode encontrar nesses estudos tende a ser muito mais positiva. Ainda que de caráter marcadamente especulativo, as elaborações neurológicas e metapsicológicas de Freud estariam, em princípio, abertas a uma validação (ou, em certos casos, a uma refutação) empírica através dos métodos das neurociências.

Não obstante suas divergências, todas as tendências mencionadas – a tese da ruptura entre neurologia e psicologia em Freud e a avaliação positiva ou negativa da tese da continuidade – encontram ou pretendem encontrar seus argumentos no texto

freudiano. O objetivo deste trabalho é, então, tentar mostrar, em primeiro lugar, que as manifestações de feitiço neurológico que pontuam toda a obra de Freud não são expressões descartáveis de um biologismo arcaico. Ao contrário, elas se encontram organicamente vinculadas ao contexto teórico em que aparecem e testemunham a manutenção de uma mesma atitude ao longo de todo o percurso de seu pensamento, devendo, portanto, ser levadas a sério em qualquer tentativa de interpretação do mesmo. Em segundo lugar, trata-se de mostrar que as passagens usualmente apontadas como momentos cruciais em que a suposta ruptura entre psicanálise e neurologia estaria sendo mais enfaticamente enunciada admitem, de fato, outra interpretação e podem ser remetidas a uma tomada de posição teórica que é rigorosamente inaugural em Freud. Elas não apresentam, portanto, nenhuma inconsistência com suas manifestações supostamente reducionistas, de tal modo que, afinal de contas, talvez não seja necessário escolher entre o neurologista e o psicólogo que o teria substituído.

Em outras palavras, não se trata de fornecer razões para escolher entre o Freud psicanalista e clínico e o Freud da metapsicologia, que seria um neurologista camuflado. A ideia que norteia nosso trabalho é de que há uma perfeita unidade e continuidade entre essas duas dimensões do pensamento de Freud e de que é essa unidade que faz a sua originalidade e a sua relevância diante do cenário científico contemporâneo. Do ponto de vista histórico, isso permite compreender a fundação da psicanálise por Freud sem descaracterizá-la ou dividi-la em duas, expondo a solidariedade teórica entre concepções aparentemente divergentes. Do ponto de vista do debate epistemológico contemporâneo em torno das ciências da mente e do cérebro, que transcende em muito o campo específico da psicanálise, essa atitude permitiria aplainar o terreno para os estudos integrativos que já se multiplicam. Esses estudos não se restringem a questões exclusivamente teóricas, abarcando também os problemas relativos à etiologia, diagnóstico, prognóstico e aplicações terapêuticas, inclusive fornecendo, por vezes, evidências empíricas bastante diretas para a eficácia das psicoterapias (a psicanálise incluída), ao contrário do que uma neurobiologia mais reducionista poderia fazer esperar. Essa interpretação de Freud pode ter, assim, ainda que indiretamente, implicações práticas e não apenas teóricas, ao contribuir para a discussão dos fundamentos a partir dos quais a integração, em todas as suas dimensões, entre psicanálise e neurociências pode ser conduzida. Ela contribuiria, assim, para que elas progredam sem resultar em descaracterização para a psicanálise e com o máximo de proveito para todas as disciplinas envolvidas.

1 A PERSISTÊNCIA DA REFERÊNCIA NEUROLÓGICA EM FREUD

Uma evidência forte a favor da tese de Gill (1976) e de outros de que a metapsicologia freudiana é, em última instância, neurologia ou biologia (e não, estritamente falando, psicologia) é que as primeiras formulações que se podem considerar metapsicológicas surgem num trabalho que pertence inequivocamente à obra neurológica de Freud e sequer foi incluído na edição de suas obras psicológicas completas. Em *Sobre a afasia: um estudo crítico* (Freud, 1953 [1891]), é possível encontrar o primeiro esboço de uma teoria da representação em torno da qual tomará forma a reflexão metapsicológica posterior. Rompendo com o localizacionismo pelo qual se pautavam as principais teorias neuropsicológicas de sua época sobre a linguagem e seus distúrbios, Freud vai introduzir uma concepção dinâmica e funcional das afasias, que vai pouco a pouco ser entendida às representações da linguagem como um todo e, daí, à representação em geral (Simanke, 2006).

É verdade que Freud ainda adota nesse texto o paralelismo psicofísico inspirado na doutrina da concomitância de H. Jackson – autor no qual se baseia boa parte das críticas ao localizacionismo apresentadas em 1891. Contudo, a concepção da natureza do mental que ali se formula contém já os elementos que lhe permitirão ultrapassá-lo. Segundo essa concepção, a representação passa a poder definir-se como um processo associativo cortical, integrativo e dinâmico, último estágio de uma série contínua de reorganizações sucessivas dos dados da estimulação periférica em seu caminho para o córtex cerebral. Esses sucessivos reordenamentos engendrariam as diferenças funcionais que, ao fim e ao cabo, dariam origem às propriedades que se podem designar como mentais. A partir do *Projeto de uma psicologia científica* (Freud, 1975 [1895]), as características atribuídas em 1891 ao substrato neural da representação poderão ser, assim, atribuídas à própria representação (Caropreso, 2010).

Os circuitos neuronais passíveis de ocupação (*Besetzung*) ao longo dos quais circulam as quantidades de excitação nervosa passam a ser, então, considerados como a representação em si, na sua condição originária de *inconsciente*. É interessante para a discussão da continuidade ou da ruptura entre o pensamento neurológico e psicológico de Freud observar, de passagem, que tanto o conceito quanto o termo “*Besetzung*” sobreviveram incólumes ao período em que Freud se expressava mais explicitamente em termos neurológicos. O desconforto com expressões como “representações” ou “objetos” ocupados por quantidades de excitação nervosa levou os tradutores de Freud a optarem por vocábulos mais neutros ou menos concretos, como “investimento” ou “catexia”. Pode-se fazer a experiência de continuar a verter literalmente “*Besetzung*” por “ocupação” nos textos mais tardios e constatar como muitas de suas formulações readquirem um aspecto mais declaradamente neuropsicológico.

A atribuição das propriedades dos correlatos neurais das representações descritos em 1891 às próprias representações resultou, então, no abandono do paralelismo antes defendido e na formulação do conceito de inconsciente psíquico. Com isso, o exame das condições para o acesso à consciência de uma pequena parte desses processos tornou-se um problema à parte e ficou reservado para uma discussão em separado (Simanke & Caropreso, 2005). Não se pode dizer, portanto, que Freud mantenha o paralelismo do ensaio sobre as afasias, como querem certos autores (Solms & Saling, 1986; Solms, 1998), nem tampouco que o substitua por um dualismo interacionista, que se consagraria mais tarde na metapsicologia com a formalização da teoria das pulsões (Panhuisen, 1998). A filosofia da mente de Freud depois do *Projeto* parece definir-se, no máximo, como alguma versão do dualismo de propriedades, concebendo o mental como propriedade emergente que se acrescenta aos processos neurais no nível mais elevado e de maior complexidade de sua organização cerebral. A partir do momento em que as hipóteses de *Sobre a afasia* passam a ser aplicadas à própria representação, o ponto de vista funcional ali introduzido para conceitualizar os distúrbios e a função normal da linguagem converte-se num instrumento teórico para repensar o problema da relação mente-cérebro. Essa extensão abre também uma via para que se compreenda por que a *psicologia científico-naturalista* pretendida por Freud deveria ser, necessariamente, uma *neuropsicologia*.

Trata-se agora de mostrar, portanto: 1) que as constantes manifestações freudianas de suas expectativas de uma fundamentação neurocientífica da psicanálise não representam um anacronismo e atestam a continuidade desse programa inicial; e 2) que as supostas manifestações em contrário, onde Freud romperia com seu primeiro projeto, consistem, na verdade, em reafirmações da suas hipóteses e posições iniciais. Estas últimas dizem respeito, sobretudo, a uma distinção funcional e não mais substancial entre o psíquico e o cerebral e à recusa inaugural da teoria das localizações cerebrais a partir da qual elas foram formuladas. O primeiro ponto é examinado na continuidade, sendo o segundo reservado para a parte seguinte deste artigo. Na conclusão, discutem-se algumas consequências dessa leitura para uma avaliação geral do interesse científico e filosófico do pensamento de Freud, sobretudo no que se refere aos pressupostos e às consequências clínicas e teóricas das reinterpretações neurobiológicas da psicanálise que vêm sendo ensaiadas.

Até mesmo o *Projeto de uma psicologia científica* – talvez o mais explícito dos documentos neuropsicológicos deixados por Freud – não escapou de ser repetidamente considerado como uma tentativa de construir uma psicologia empírica pura expressa numa linguagem metaforicamente neurológica (Fulgêncio, 2004, por exemplo). Ele consistiria, então, numa espécie de “manual de neurologia fantástica”, conforme a ex-

pressão cunhada no final dos anos 1960 por Mannoni (2002) e continuamente repetida por outros autores desde então. No entanto, não seria difícil mostrar que o *Projeto* se insere e se apoia num conjunto de trabalhos estritamente neurológicos típicos do período – trabalhos histológicos e anatômicos, mas também outros que se empenhavam em construir modelos neurofisiológicos, inclusive para as funções nervosas superiores (Exner, 1999 [1894], por exemplo). É um texto que se assemelha em objetivos, escopo e desenvolvimento a esses trabalhos, e podemos supor que se assemelharia ainda mais em estilo, se Freud o tivesse revisado e lhe tivesse dado a forma final e pronta para a publicação. Além disso, o *Projeto* prolonga e dá continuidade às investigações neuropatológicas iniciais de Freud, principalmente se levamos em conta, como já lembrava Riese (1958), que “neuropatologia” não designava, na época, apenas a abordagem clínica das doenças do sistema nervoso em todos os seus aspectos, mas também o esforço de extrair dessa abordagem hipóteses gerais sobre a natureza das funções nervosas e sobre a sua relação com os processos mentais.

Na passagem para *A interpretação dos sonhos* (Freud, 1975 [1900]) – que assinalaria a transição definitiva do modelo neurológico para o modelo psicológico da mente em Freud –, a persistência das hipóteses do *Projeto* é visível. Isso não ocorre apenas no célebre capítulo 7, que é frequentemente considerado como o herdeiro mais ou menos envergonhado do manuscrito de 1895. Assim, ainda no capítulo inicial, em que Freud revisa a literatura científica e filosófica anterior sobre o problema dos sonhos, podemos ler a reiteração da recusa do paralelismo psicofísico que ele subscrevera ainda em *Sobre a afasia*, mas que abandonara no *Projeto*, e que se manifesta claramente como a admissão de certo *organicismo*:

As suspeitas dos psiquiatras colocaram a mente, por assim dizer, sob tutela, e eles agora insistem que a nenhum de seus impulsos deve-se permitir sugerir que tenha um significado próprio. Este seu comportamento apenas mostra quão pouca confiança eles realmente têm na validade da *conexão causal entre o somático e o mental*. Mesmo quando a investigação mostra que a causa excitante primária de um fenômeno é psíquica, uma pesquisa mais profunda irá um dia mais adiante nesse caminho e descobrirá a *base orgânica do acontecimento mental* (Freud, 1975 [1900], p. 41-2, grifos nossos).

Não apenas a intenção geral de fundamentar organicamente o psiquismo, mas também os termos e até mesmo o vocabulário do *Projeto* continuam presentes. Ao procurar definir o que entende por associação, Freud explicitamente retoma as noções de “resistência” e de “facilitação” (*Bahnung*) com as quais, em 1895, teria tentado

– sem sucesso, segundo a interpretação mais corrente – especificar os processos físicos que estariam na base da memória. É justamente essa tentativa que estaria sendo abandonada na *Interpretação dos sonhos*. Freud, contudo, aí afirma:

Devemos, portanto, assumir que a base da associação reside nos sistemas mnêmicos. A associação consistiria, assim, no fato de que, como resultado das resistências e do estabelecimento de vias facilitadas, uma excitação se transmite mais prontamente de um dado elemento *Mnem* para outro elemento *Mnem* do que para um terceiro (Freud, 1975 [1900], p. 539).

A ênfase na função – e, portanto, nas relações dinâmicas entre os neurônios – e não mais na localização anatômica é, como vimos, um elemento central na argumentação freudiana desde o trabalho sobre as afasias. Os conceitos de resistência e facilitação introduzidos no *Projeto* prolongam, reforçam e especificam essa orientação teórica geral do pensamento freudiano. Com eles, a ênfase é colocada nas *relações* entre elementos nervosos envolvidos num processo, e não mais nas operações que esses elementos poderiam, supostamente, realizar de forma isolada. É exatamente essa mesma função que eles continuam cumprindo em *A interpretação dos sonhos*:

Podemos evitar qualquer possível abuso desse método de representação [dos processos psíquicos como sistemas] lembrando que ideias, pensamentos e estruturas psíquicas em geral não devem ser nunca consideradas como localizadas em elementos orgânicos do sistema nervoso, mas antes, pode-se dizer, *entre* os mesmos, onde resistências e facilitações fornecem os correlatos correspondentes (Freud, 1975 [1900], p. 611, grifo do autor).

Tampouco é difícil ilustrar com citações textuais que esses “elementos orgânicos” ou “elementos *Mnem*” são os mesmos neurônios apresentados no *Projeto* como um dos dois pressupostos fundamentais da neuropsicologia ali elaborada (o outro pressuposto é o da *quantidade*, isto é, a suposição de montantes de excitação nervosa que circulam nos sistemas de neurônios). Quando Freud reitera sua hipótese anterior de que consciência e memória se excluem mutuamente e, portanto, devem ser atribuídas a sistemas psíquicos distintos, fica bastante claro que ele continua concebendo os neurônios como os elementos constituintes desses sistemas: “Uma luz mais promissora seria lançada sobre as condições que governam a excitação dos neurônios, caso se pudesse confirmar que, *nos sistemas \emptyset , a memória e a qualidade que caracteriza a consciência são mutuamente excludentes*” (Freud, 1975 [1900], p. 540, grifos do autor). E, por fim, quando se trata de teorizar sobre o mecanismo da passagem da quantidade

do estado livre para o ligado – que assinala a emergência dos processos secundários a partir dos processos primários – fica igualmente claro que é uma deficiência do conhecimento neurológico disponível que impede a especificação dos processos físicos envolvidos. Contudo, essa especificação não deixa, por isso, de ser pensada como a direção na qual uma explicação psicológica mais satisfatória deveria caminhar:

A mecânica desses processos me é totalmente desconhecida; qualquer um que quisesse levar essas ideias a sério teria que procurar por seus análogos físicos e encontrar um meio de figurar os movimentos que acompanham a excitação dos neurônios (Freud, 1975 [1900], p. 599).

Mas não é apenas a proximidade temporal e uma inércia qualquer do pensamento que contaminam a teoria psicológica de *A interpretação dos sonhos* com os resquícios da teoria neurológica da mente esboçada no *Projeto*. Referências e passagens textuais do mesmo tipo podem ser encontradas em diversos textos posteriores de Freud. Estas estão sempre ligadas a pontos cruciais das elaborações metapsicológicas e sempre exprimem o mesmo tipo de posição teórica. Segundo essa posição, uma teoria exclusivamente psicológica dos processos mentais é uma teoria provisória e inacabada, que deverá vir a ser, no devido tempo, substituída e/ou complementada pela especificação empírica e teórica dos processos físicos supostos como efetivamente ocorrendo no sistema nervoso. Enquanto isso não ocorre, a metapsicologia só pode construir e modelar teoricamente esses processos numa linguagem figurada, formulada mediante uma analogia com aquela utilizada para descrever a experiência consciente. Cabe, então, ilustrar e contextualizar a continuidade dessa orientação nos diversos momentos da obra de Freud posteriores a 1900, antes de partir para a discussão das passagens em que a referência neurológica estaria sendo supostamente abandonada.

A ideia de que o conhecimento do inconsciente só pode ser proveitosamente aproximado, no estágio do desenvolvimento do conhecimento científico da época, a partir das inferências tornadas possíveis pela observação dos fenômenos conscientes é, novamente, afirmada no texto *O interesse pela psicanálise*. O inconsciente é uma hipótese cuja necessidade Freud considerava ter sido amplamente demonstrada pela investigação das neuroses, sonhos, lapsos e outras formações psíquicas. Além disso, é também possível reconstituir sistematicamente a demonstração freudiana da *necessidade teórica do inconsciente*, assim como a justificativa da possibilidade da sua existência como realidade psíquica e, portanto, da legitimidade da sua suposição (cf. Caropreso & Simanke, 2008). Porém, essa argumentação teórica ou empírica, expressa em termos psicológicos, vem sempre acompanhada de uma ressalva sobre a condição provisória desse estado de coisas:

Pois é fácil descrever o inconsciente e seguir seus desenvolvimentos, se ele é abordado pelo lado de suas relações com o consciente, com o qual tem tanta coisa em comum. Por outro lado, não parece ainda haver nenhuma possibilidade de abordá-lo pelo lado dos acontecimentos físicos, de modo que ele deve permanecer como um tema de investigação psicológica (Freud, 1975 [1913], p. 179).

Pouco tempo depois, quando Freud introduz formalmente o conceito de narcisismo em sua concepção da sexualidade – o que teria consequências metapsicológicas de grande alcance, sobretudo no que diz respeito à teoria pulsional –, o mesmo argumento é repisado: “devemos lembrar que *todas as nossas ideias provisórias em psicologia* estarão, presumivelmente, algum dia, *baseadas numa subestrutura orgânica*” (Freud, 1975 [1914], p. 78, grifos nossos).

A teoria do aparelho psíquico requer um exame especial para evidenciar que ela representa a construção de um modelo teórico capaz de exprimir o ponto de vista funcional segundo o qual Freud concebe a relação entre o psíquico e o neural desde o ensaio sobre as afasias. Retornaremos a esse ponto mais adiante. Por ora, cabe observar apenas que a possibilidade de que até mesmo os correspondentes anatômicos dos processos que constituem o aparelho venham a ser identificados – e que, portanto, a sua condição exclusiva de uma tópica de funções possa ser ultrapassada – não deixa de ser reconhecida: “Nossa topografia psíquica não tem, *por ora*, nada que ver com a anatomia; ela não faz referência a localidades anatômicas, mas sim a regiões de nosso aparelho psíquico, seja onde for que elas estejam situadas no corpo” (Freud, 1975 [1915], p. 175, grifos do autor). O mesmo continua a ser afirmado nas *Conferências de introdução à psicanálise*, com a ênfase sendo mais uma vez colocada sobre a insuficiência do conhecimento disponível: “A estrutura teórica que criamos para a psicanálise é, na verdade, uma superestrutura, que, um dia, terá que ser assentada sobre seus fundamentos orgânicos. Mas nós ainda os ignoramos” (Freud, 1975 [1916-1917], p. 389).

Pouca coisa muda nas posições freudianas a esse respeito na passagem para o último grande período de sua teoria que se inaugura com *Além do princípio do prazer*. Ao contrário, se há alguma mudança é no sentido de que suas manifestações a esse respeito tornam-se ainda mais explícitas. Assim, em texto escrito em 1920, podemos ler:

Não precisamos sentir-nos muito perturbados, ao julgar nossa especulação sobre as pulsões de vida e de morte, devido ao fato de que tantos processos surpreendentes e obscuros nela ocorrem (...). Isso se deve apenas a que sejamos obrigados a operar com os termos científicos – isto é, com a linguagem figurativa – peculiar à psicologia (ou, mais precisamente, à psicologia profunda). Não poderíamos, de forma alguma, descrever de outro modo os processos em questão e,

de fato, não nos teríamos apercebido deles. As deficiências em nossa descrição provavelmente se desvaneceriam, se já estivéssemos em condições de substituir os termos psicológicos pelos termos fisiológicos ou químicos. É verdade que estes também são apenas parte de uma linguagem figurativa; mas esta é uma com a qual estamos há muito familiarizados e que é, talvez, mais simples também (Freud, 1975 [1920], p. 60).

Mais uma vez, Freud está atribuindo certas obscuridades da teoria às lacunas do conhecimento científico que lhe é contemporâneo. Essas lacunas impediriam uma descrição dos processos mentais nos termos que seriam mais precisos e rigorosos para tanto, a saber, a linguagem das ciências da matéria, apta a descrever os processos físicos e nervosos que constituiriam a natureza última do psíquico. A ressalva de que a linguagem da física e da química é igualmente figurada não significa que Freud conceba que todas as descrições sejam equivalentes e encontrem-se na mesma espécie de relação com o que está sendo descrito. Em vez disso, a passagem como um todo se destina claramente a afirmar o contrário: se essa tradução puder ser efetuada, as obscuridades deverão ser, no mínimo, amenizadas. Essa ressalva pode ser entendida tão somente como a manifestação de que Freud não professa um realismo científico ingênuo demais para captar a diferença e a distância que medeiam entre a *descrição* de um processo em termos físico-químicos e a *realidade material* desse processo.

Para não multiplicar desnecessariamente esses exemplos, fiquemos, para concluir essa parte, com a manifestação mais tardia, mais explícita e, ao que tudo indica, definitiva de Freud sobre esse assunto. Esta pode ser encontrada no *Esboço de psicanálise*, onde a natureza física do psiquismo inconsciente é afirmada de forma perfeitamente inequívoca:

Geralmente se concorda, entretanto, que esses processos conscientes não formam sequências ininterruptas, completas em si mesmas; não haveria, assim, alternativa, a não ser assumir que *existem processos físicos ou somáticos, que são concomitantes aos psíquicos* e que deveríamos, necessariamente, reconhecer como mais completos do que as sequências psíquicas, já que alguns deles teriam processos conscientes paralelos a eles, mas outros não. Se isso é assim, torna-se então plausível, é claro, *colocar a ênfase, em psicologia, sobre esses processos somáticos, ver neles a verdadeira essência do que é psíquico* e procurar outra determinação para os processos conscientes (Freud, 1975 [1938], p. 157, grifos nossos).

Considerando-se a frequência, a relativa abundância e a distribuição mais ou menos homogênea desse tipo de afirmação ao longo de toda a obra freudiana, parece

difícil evitar a conclusão de que sua opção pela descrição psicológica foi mais um recuo estratégico do que o resultado de uma reformulação radical de suas concepções iniciais sobre a natureza do psíquico e sobre o modo como este deveria ser mais adequadamente estudado. No entanto, é evidente que deve haver outro tipo de manifestações em Freud, que possa ter dado margem à interpretação mais frequente que afirma uma ruptura e não uma continuidade entre seus trabalhos neurológicos e psicanalíticos. É preciso, então, examinar igualmente esse tipo de formulação para avaliar se elas de fato sustentam essa conclusão. De qualquer forma, a alternativa, agora, parece ser entre um Freud consistentemente inclinado por uma teoria neurológica do mental, ainda que apenas como projeto, e um Freud que, de uma maneira mais ou menos inconsistente, oscila entre sua orientação neurológica inicial, que ressurgue de tempos em tempos, e sua vocação psicológica, mais tardiamente descoberta e assumida. A ideia de que o “psicólogo Freud” teria, a partir de certo momento, substituído inteiramente o “neurólogo Freud” não parece poder ser facilmente sustentada.

2 AS SUPOSTAS RUPTURAS COM O PENSAMENTO NEUROLÓGICO INICIAL

Uma das mais mencionadas passagens na qual a ruptura de Freud com sua orientação neurológica inicial se manifestaria da forma mais patente possível são os célebres parágrafos da seção B do capítulo 7 de *A interpretação dos sonhos* nos quais é introduzido o modelo do aparelho psíquico que constituiria a sua assim chamada “Primeira Tópica”. Esse seria, para todos os efeitos, o ponto crucial em que as pretensões neuropsicológicas teriam sido oficialmente abandonadas, justificando que se considere a obra de 1900 como o início do período propriamente psicanalítico da produção freudiana. Cabe, então, retornar sobre essas passagens e perguntar-nos o que exatamente Freud está abandonando nesse momento da evolução de seu pensamento.

Como é bem conhecido, esse trecho se abre com a referência à afirmação colhida na *Psicofísica* de Fechner de que o cenário do sonho é diverso do cenário da vida de vigília. Essa afirmação serve de ocasião para que Freud introduza a noção de *localidade psíquica*, que vai orientar, na sequência, a montagem progressiva do aparelho como um sistema desses lugares psíquicos, expresso através da metáfora de um aparelho ótico:

O que se nos apresenta, nessas palavras, é a ideia de *localidade psíquica*. Irei desconsiderar inteiramente o fato de que o aparelho mental que nos interessa aqui *nos é também conhecido na forma de um preparado anatômico* e evitarei, cuidadosamente, a tentação de *determinar a localidade psíquica de forma anatômica*. Permanecerei em solo psicológico e proponho simplesmente seguir a sugestão

de que devemos figurar o instrumento que executa nossas funções mentais como semelhante a um microscópio composto ou a um aparelho fotográfico, ou algo desse tipo. Com base nisso, a localidade psíquica corresponderá a um ponto no interior do aparelho no qual um dos estágios preliminares da imagem se forma. No microscópio ou telescópio, como sabemos, estes ocorrem, em parte, em pontos ideais, regiões nas quais nenhum componente tangível do aparelho está situado (Freud, 1975 [1900], p. 536, grifos nossos).

O que Freud está dizendo nessa passagem? Em primeiro lugar, ele reconhece que, pelo menos em princípio, *seria* possível – e não que *não seria* possível, como é em geral afirmado – representar os processos mentais em termos de sua distribuição anatômica. Em segundo lugar, ele está enunciando a *decisão* de não fazê-lo, restringindo-se deliberadamente a uma descrição apenas psicológica desses processos. Qual a razão dessa decisão? A própria noção de localidade psíquica fornece a resposta: fazer corresponder elementos psíquicos a lugares anatômicos seria retornar aos procedimentos do localizacionismo, de cuja crítica Freud partira, em 1891, em seu trabalho sobre as afasias. Evidentemente, não se tratava ali de propor uma abordagem exclusivamente psicológica dos distúrbios da linguagem causados por lesão cerebral, o que seria absurdo. Não obstante, Freud identificara na teoria das localizações cerebrais uma perspectiva insuficiente para aquela abordagem, tanto do ponto de vista clínico, uma vez que levava a prever a existência de síndromes jamais verificadas na prática, quanto do ponto de vista teórico, uma vez que se apoiava no pressuposto de que os processos cerebrais e mentais possuiriam as mesmas propriedades. Isso permitiria a construção de modelos das funções psíquicas – os diagramas localizacionistas – isomórficos e simétricos aos modelos constituídos para representar os processos cerebrais responsáveis pela execução dessas funções. Henderson (1992), por exemplo, analisa a obra inicial de Freud do ponto de vista de uma crítica dos *diagram-makers* – expressão introduzida por Head (1926) para designar o localizacionismo do século XIX ao qual Freud se opõe.

Bourguignon (1991) considera que a metapsicologia surge de um esforço freudiano de aperfeiçoar seus modelos da mente. Baseando-se na distinção introduzida por Atlan entre modelos isomórficos e não-isomórficos, afirma que esse aperfeiçoamento consistiu, sobretudo, na passagem de modelos do primeiro tipo para modelos do segundo tipo. Assim:

A primeira tentativa do *Projeto* foi um fracasso e, no entanto, a obra inteira está ali em germe. O fiasco era inevitável, porque qualquer tentativa de representação do cérebro por uma imagem-modelo isomórfica está fadada ao fracasso. (...)

Saindo desse impasse, Freud renunciou definitivamente à representação isomórfica, construindo então modelos abstratos, comumente designados pelas expressões *primeira tópica* e *segunda tópica* (Bourguignon, 1991, p. 123).

Observe-se, no entanto, que a crítica ao isomorfismo mente-cérebro já se encontrava inteiramente presente em seu ensaio sobre as afasias (cf. Freud, 1953 [1891]) e pode-se, de fato, sintetizar assim o teor geral da crítica ao localizacionismo ali conduzida. Por outro lado, é possível mostrar que há uma perfeita continuidade quanto a esse e outros aspectos, entre esse trabalho e o *Projeto*, de modo que a ruptura com o isomorfismo pode ser considerada como inaugural em Freud e, em todo caso, bem anterior à formulação dos modelos psicológicos elaborados de 1900 em diante (cf. Simanke, 2005).

Daí o erro de princípio atribuído por Freud ao localizacionismo em geral: pensar os elementos das representações como estando armazenados nas células nervosas. Esse erro teria sido propiciado pela pressuposição, derivada do isomorfismo dos modelos localizacionistas apontado acima, de que o simples psicológico deveria corresponder a algo igualmente simples do ponto de vista neurológico. Tudo indica, portanto, que Freud está, em 1900, reiterando a sua recusa anterior do localizacionismo como uma forma possível de conceber a fundamentação neurológica dos processos mentais, mas não a possibilidade em si dessa fundamentação. Em outras palavras, está recusando uma teoria neurológica da mente específica, mas não a viabilidade de toda e qualquer teoria neurológica da mente.

Embora isso não fique explícito nesse ponto, há razões para supor que a decisão de Freud de permanecer sobre o terreno psicológico decorra da sua percepção de que o estágio do desenvolvimento do conhecimento sobre o cérebro e o sistema nervoso naquele momento não permitiria mais do que estabelecer as relações entre processos psíquicos e localidades anatômicas (“*nos é também conhecido na forma de um preparado anatômico*”). Em outras palavras, ele parece ter concluído pela impossibilidade de ultrapassar na prática – isto é, por meio de uma neuropsicologia empírica – o localizacionismo, cuja insuficiência conceitual e cujos erros de princípio já tinham sido demonstrados, em 1891, com base num argumento exclusivamente teórico e numa crítica exclusivamente epistemológica de sua abordagem das afasias. Freud teria optado, então, por restringir-se à descrição psicológica e a uma neuropsicologia especulativa empenhada na construção daquilo que vieram a ser os modelos metapsicológicos e abstratos do mental. Daí resulta igualmente a provisoriedade das concepções exclusivamente psicológicas, reiteradamente afirmada por Freud nas passagens mencionadas acima. Essa ideia de que é a insuficiência do conhecimento neurológico disponível que

motiva a decisão freudiana de contentar-se com uma caracterização metapsicológica – e não uma mudança radical de opinião sobre a natureza dos processos mentais – pode ser igualmente evidenciada nas demais ocasiões em que Freud estaria supostamente enunciando seu abandono da neurologia, como se verá na sequência.

O problema da relação entre a tópica psíquica e a anatomia cerebral ressurgiu quase que nos mesmos termos em *O inconsciente* (Freud, 1975 [1915]). Trata-se, mais uma vez, de uma passagem que costuma ser considerada como uma das mais claras manifestações do abandono, por parte de Freud, de sua perspectiva neurológica inicial (cf. Grünbaum, 1984, por exemplo). Como vimos acima, Freud afirma ali que *provisoriamente* a tópica psíquica nada tem a ver com a anatomia. O desenvolvimento argumentativo que precede essa afirmação ajuda a esclarecer seu sentido. Freud está introduzindo a questão que organiza toda a reflexão em torno do inconsciente nesse ensaio: a passagem do inconsciente para a consciência (ou vice-versa) deve ser pensada como uma mudança de lugar ou como uma alteração funcional? Na medida em que a tópica psíquica freudiana é uma tópica de funções – isto é, os diversos sistemas distinguem-se funcionalmente e não anatomicamente –, a alternativa colocada cumpre mais uma função retórica e de organizar a exposição ao longo do texto. A resposta a que se chegará na conclusão será uma espécie de combinação entre seus termos, mostrando bem a interdependência entre as noções de lugar e função na teoria freudiana do aparelho psíquico. Mas, no momento que estamos analisando, a pergunta formulada coloca, de imediato, em questão a relação entre o lugar psíquico e o lugar anatômico – a mesma, portanto, que estava sendo debatida quando da introdução do modelo mesmo do aparelho psíquico em *A interpretação dos sonhos*. Não há nada de surpreendente, então, em que a mesma problemática e a mesma tomada de posição em relação a esta reapareçam aqui:

Esta é uma questão difícil, porque vai além da pura psicologia e toca nas *relações do aparelho mental com a anatomia*. Sabemos que, no sentido mais geral, *essas relações existem* (...). Mas toda tentativa de partir daí para a descoberta da *localização dos processos mentais*, todo esforço de pensar as ideias como *armazenadas em células nervosas* e as excitações como viajando ao longo das fibras nervosas, fracassaram completamente. O mesmo destino parece aguardar qualquer teoria que tentasse reconhecer, digamos, a posição anatômica do sistema Cs – atividade mental consciente – como estando no córtex e localizar os processos inconscientes nas partes subcorticais do cérebro. Há uma lacuna aqui que, *no presente*, não pode ser preenchida, nem é uma das tarefas da psicologia preenchê-la (Freud, 1975 [1915], p. 174-5; grifos nossos).

Há, talvez, boas razões para supor, no entanto, que Freud considerasse uma das tarefas da *metapsicologia* – na sua condição de disciplina mista, de uma neuropsicologia especulativa expressa em linguagem psicológica – teorizar sobre esse hiato e, no melhor dos casos, apontar a direção na qual se poderia esperar preenchê-lo (cf. Simanke, 2008). Seja como for, os principais itens da crítica precoce de Freud ao localizacionismo reaparecem aqui: 1) a impossibilidade de explicar a função apenas pela localização anatômica, uma vez que o fracasso reiterado das tentativas nesse sentido mostra que o problema está mal-formulado; 2) o “erro de princípio” denunciado desde 1891 de supor representações (ou átomos de representação) armazenadas nas células corticais. Freud se manifestara, naquela ocasião, contra esse equívoco conceitual, da maneira mais inequívoca possível:

Lembremos que, sob a influência dos ensinamentos de Meynert, desenvolveu-se a teoria de que o aparelho de linguagem consiste em centros corticais distintos; supõe-se que suas células contenham as representações de palavra (...). Pode-se, antes de tudo, levantar a questão de se tal suposição de representações contidas em células nervosas é, de alguma maneira, correta ou, mesmo, permissível. Não acredito que seja (Freud, 1953 [1891], p. 54).

E logo a seguir, como que para não deixar dúvidas:

(...) deveria parecer um grande avanço quando Wernicke declarou que apenas os elementos psíquicos mais simples (...) poderiam ser localizados no córtex (...). Mas não se comete o mesmo erro de princípio, quer se tente localizar um conceito complicado, toda uma faculdade mental, ou um elemento psíquico? É justificado imergir uma fibra nervosa – que, em toda a sua extensão, foi apenas uma estrutura fisiológica sujeita a modificações fisiológicas – com sua terminação no psíquico e prover essa terminação com uma ideia ou uma memória? (Freud, 1953 [1891], p. 54-5).

Quanto ao primeiro dos dois tópicos mencionados acima – a impossibilidade de explicar a função *apenas* pela localização anatômica –, não fica totalmente explícito nesse momento que, *mesmo que fosse possível* especificar detalhadamente as regiões anatômicas que executam as funções psíquicas, isso pouco representaria em termos da explicação dessas funções. O que se requer para tanto é a caracterização da dinâmica própria dos processos cerebrais que ocorrem nessas regiões anatômicas e do modo como essa dinâmica dá origem às propriedades mentais que delas decorrem. Esse aspecto do

argumento, contudo, será plenamente explicitado na passagem do *Esboço de psicanálise* que retoma esses mesmos problemas, como veremos a seguir. Sabemos, no entanto, que as funções psíquicas são caracterizadas, desde *Sobre a afasia*, como dependendo de processos integrativos dinâmicos perfeitamente globais – isto é, processos que envolvem diversas áreas corticais e, no limite, a totalidade do córtex cerebral. Esse é o sentido da recusa da simetria e do isomorfismo entre o mental e o cerebral, assim como da ideia de que o simples psicológico corresponda a algo de igualmente simples do ponto de vista neural. É isso que faz com que a localização do processo que corresponde mesmo ao ato psíquico mais elementar jamais possa ser uma localização pontual. Aí inter-vém o segundo aspecto apontado acima – a recusa da ideia de que ideias elementares armazenadas em células – que especifica e complementa o primeiro, visando o que Freud considera como a mais inaceitável das consequências da adoção do ponto de vista localizacionista e razão mais que suficiente para recusá-la. Portanto, é exatamente isso que Freud parece estar fazendo aqui – reafirmar a rejeição da teoria das localizações cerebrais. E, da mesma forma que no capítulo 7 de *A interpretação dos sonhos* como vimos acima, parece ser apenas isso que ele está recusando.

Já na abertura do *Esboço de psicanálise* (1975 [1938]) – síntese final das ideias de Freud e como que seu testamento intelectual –, encontramos os mesmos pontos de vista até agora examinados, porém numa formulação bem mais explícita. Também essas passagens deram margem a uma interpretação que busca confirmar a ideia de uma ruptura de Freud com a perspectiva neurológica. O que estaria sendo mais uma vez reafirmado em seus últimos textos seria o endosso do paralelismo psicofísico, pelo qual ele teria optado de saída, desde o trabalho sobre as afasias, quando aderira à doutrina da concomitância de Hughlings Jackson. Essa opção lhe teria, então, permitido construir a psicanálise como uma teoria exclusivamente psicológica, ocupando-se apenas de um lado da dualidade mente-cérebro, embora a subdividisse em uma mente consciente e outra inconsciente (cf. Solms & Saling, 1986). Isso seria ainda mais significativo devido ao fato de Freud considerar, nesse momento, esse dualismo como uma “premissa fundamental” da psicanálise. Assim, ele afirma:

A psicanálise faz uma suposição básica, cuja discussão está reservada ao pensamento filosófico, mas cuja justificativa reside em seus resultados. Conhecemos dois tipos de coisa a respeito do que chamamos nossa psique (ou nossa vida mental): em primeiro lugar seu órgão corporal e cena de ação – o cérebro (ou o sistema nervoso) – e, por outro lado, nossos atos de consciência, que são dados imediatos e não podem ser mais bem explicados por nenhuma forma de descrição (Freud, 1975 [1938], p. 144).

É claro que a constatação de que o cérebro é órgão da mente e de que a consciência consiste numa apreensão imediata nos processos mentais do sujeito não tem nada de especificamente psicanalítico. Na verdade, essa afirmação sequer pode ser considerada uma *premissa*, consistindo tão somente na menção de duas questões de fato amplamente reconhecidas. Essas observações servem apenas para introduzir a premissa fundamental, cuja enunciação se segue no texto. Trata-se, como se sabe, da teoria do aparelho psíquico, à qual se acrescenta, mais adiante, o pressuposto complementar de que a maior parte dos processos que constituem esse aparelho transcorre inconscientemente (Freud, 1975 [1938], p. 158). Já comentamos acima como a teoria freudiana do aparelho psíquico, desde sua primeira formulação no capítulo 7 de *A interpretação dos sonhos*, reitera sua recusa do localizacionismo, que data do ensaio sobre as afasias (Freud, 1953 [1891]). Ela busca justificar, assim, a possibilidade de uma descrição exclusivamente funcional dos processos psíquicos sem referência à sua natureza física e sem especificação de sua localização anatômica. A argumentação freudiana ao introduzir essa noção não precisa ser interpretada como uma recusa da possibilidade de uma teoria neurológica da mente, o que a torna compatível com a reafirmação dessa possibilidade que encontramos disseminada ao longo de toda a obra de Freud. É exatamente nesse sentido que essas noções são retomadas no *Esboço de psicanálise*, só que com a recusa da ideia de localização cerebral (mas, novamente, apenas disso) explicitamente enunciada:

Tudo que fica entre eles [o cérebro e a consciência] nos é desconhecido, e nossos dados não incluem nenhuma relação entre esses dois pontos terminais de nosso conhecimento. *Se esta existisse, forneceria, no máximo, uma localização exata dos processos de consciência e não nos ajudaria em nada no sentido de compreendê-los* (Freud, 1975 [1938], p. 144-5, grifos nossos).

É notável como esse posicionamento tão tardio com relação ao percurso total do pensamento freudiano recupera, quase com os mesmos termos, suas posições iniciais, anteriores inclusive à crítica sistemática do localizacionismo formulada em 1891 e ao pleno reconhecimento da existência de processos mentais inconscientes, o que se dá a partir do *Projeto* de 1895. Assim, na sua introdução ao livro de Bernheim sobre a sugestão, cinquenta anos antes do *Esboço*, Freud escrevera:

Não possuímos um critério que nos habilite a distinguir exatamente entre um processo psíquico e um processo fisiológico, entre um ato que ocorra no córtex cerebral e um que ocorra na substância subcortical; *pois a consciência, seja ela o que for, não está vinculada a todas as atividades do córtex cerebral, nem está sempre vinculada com a mesma intensidade a qualquer uma de suas atividades particula-*

res; *ela não é uma coisa que esteja ligada a qualquer localidade no sistema nervoso* (Freud, 1975 [1888], p. 84, grifos nossos).

Essa posição de Freud é notavelmente moderna, ao recusar-se a relacionar os fenômenos mentais – aqueles acessíveis à consciência, em primeiro lugar – a regiões anatômicas específicas. O reconhecimento de que o processamento consciente da informação no cérebro requer a participação de diversos segmentos corticais espacialmente distantes levou ao reconhecimento do assim chamado “*binding problem*”, a saber: qual o fator que integra funcionalmente essas diversas áreas corticais e as faz operar como uma unidade (cf. Crick, 1994)? Uma das hipóteses formuladas para resolver esse problema – a de que os neurônios envolvidos sincronizam-se por operarem numa mesma frequência oscilatória em torno de 35-75 Hz (cf. Crick & Koch, 1990) – já foi aproximada da *hipótese do período*, proposta por Freud no *Projeto* (cf. Smith, 1999).

No ensaio sobre as afasias, Freud modulara essa posição, reconhecendo que o caráter dinâmico, global e integrativo que era necessário atribuir aos processos nervosos subjacentes à atividade mental consciente (a única, lembremos, que ele reconhecia até esse momento) não era incompatível com a ideia de localização. Evidentemente, um processo físico tem que ocorrer *em algum lugar*, embora não seja possível fazer corresponder lugares anatômicos isolados a processos mentais, mesmo os mais elementares. Portanto:

Qual é, então, o correlato fisiológico da ideia simples que emerge ou re-emerge? Evidentemente, nada de estático, mas algo com a natureza de um processo. *Esse processo não é incompatível com a localização*. Ele começa em um ponto específico do córtex e, a partir daí, se dissemina pela totalidade do córtex, ao longo de certos caminhos (Freud, 1953 [1891], p. 56; grifos nossos).

Freud reafirma, portanto, em 1938, tanto sua ideia de que uma localização anatômica dos processos mentais deva ser, em princípio, possível (já que estes são, em última instância, processos físicos que, portanto, devem ocorrer em algum lugar do cérebro), quanto de que essa localização, mesmo que precisamente estabelecida, é insuficiente para o estabelecimento das propriedades funcionais desses processos, sobretudo, daquelas que permitem que eles sejam considerados e descritos como mentais. Ambas as teses, como vimos, datam do ensaio sobre as afasias ou lhe são até mesmo anteriores, evidenciando, de forma bastante eloquente, essa continuidade nos pontos de vista freudianos sobre a natureza do mental e sobre sua relação com o cérebro, que constituem o foco do presente trabalho. Se houvesse restado alguma dúvida, a orientação anti-localizacionista dessa concepção é claramente afirmada a seguir:

Nossas duas hipóteses [nas quais nossa suposição básica se divide] partem desses termos ou princípios de nosso conhecimento. *A primeira diz respeito à localização*. Assumimos que a vida mental é a função de um aparelho, ao qual atribuímos as características de ser extenso no espaço e de ser composto por diversas partes – isto é, que nós imaginamos como semelhante a um telescópio ou microscópio ou algo assim (Freud, 1975 [1938], p. 144; grifos nossos).

Muitos dos posicionamentos freudianos comentados acima recebem aqui uma formulação mais detalhada. Por exemplo, pode-se depreender das passagens acima que a insuficiência do conhecimento neurológico disponível que limitava a teoria desenvolvida por Freud a uma formulação exclusivamente psicológica referia-se, sobretudo, ao desconhecimento dos processos que medeiam entre a anatomia cerebral e a experiência consciente. Isso impediria o estabelecimento de uma sequência contínua e empiricamente descritível de relações de causa e efeito entre ambas, resultando na superação do paralelismo sobre cuja inadequação Freud já se manifestara. Na impossibilidade disso, a psicanálise precisa contentar-se com a construção de um modelo teórico abstrato para representar essas relações, justamente o que Freud, desde *A interpretação dos sonhos*, denomina “aparelho psíquico”. Trata-se, portanto, de evitar a solução fácil que consistiria em projetar sobre a superfície cerebral processos hipotéticos extraídos da observação puramente psicológica dos fenômenos de consciência, assumindo a tese localizacionista e o princípio do isomorfismo mente-cérebro que Freud condenara desde o trabalho sobre as afasias. Essa solução traria consigo, ainda, como vimos, o paralelismo psicofisiológico, que condena a psicologia a ser uma descrição da experiência consciente e a neurologia a ser uma exploração da anatomia cerebral em busca das sedes de processos nervosos hipotéticos concebidos segundo o modelo das funções psíquicas acessíveis à observação. Assim, ultrapassar o localizacionismo revelou-se também uma maneira de superar a identidade entre mente e consciência que é constitutiva da psicanálise (cf. Simanke, 2006). Também isso se explicita no *Esboço de psicanálise*, quando Freud introduz o segundo pressuposto em que se desdobra sua “premissa fundamental”, a saber, que a maior parte dos processos que constitui esse aparelho psíquico é inconsciente. Isso é afirmado na mesma passagem, já citada aqui, em que se reitera que esses processos psíquicos em si inconscientes não podem ser outra coisa a não ser processos físicos que ocorrem no sistema nervoso.

Assim, a última das citações que constam da primeira parte deste artigo, destinadas a ilustrar a persistência da referência neurológica na obra freudiana, está longe de exprimir uma excentricidade tardia do criador da psicanálise. Ao contrário, ela aparece como uma reafirmação, nos termos mais inequívocos possíveis, de um posicionamento teórico consistentemente mantido. Esse posicionamento, por sua vez, está

profundamente implicado no perfil disciplinar que Freud procurou atribuir à psicanálise, como uma ciência naturalista da mente construída sobre a hipótese da existência de um inconsciente psíquico. A formulação dessa hipótese, por sua vez, dependeu da recusa da teoria das localizações cerebrais e da tese do isomorfismo mente-cérebro e procedeu, metodologicamente, pela construção de modelos teóricos expressos em linguagem psicológica para representar, provisoriamente, todo um sistema de processos e de funções nervosas ainda desconhecidas, de modo a tornar inteligível a relação entre estes e os fenômenos mentais, tal como estes se dão a conhecer na experiência consciente.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Numa carta a Fliess datada de 22 de setembro de 1898, período em que já se encontrava profundamente envolvido com a redação de *A interpretação dos sonhos*, Freud escreve:

Não estou de modo algum em desacordo com você, nem tenho a menor inclinação a deixar a psicologia suspensa no ar, sem uma base orgânica. No entanto, à parte essa convicção, não sei como prosseguir, nem teórica, nem terapeuticamente, de modo que preciso comportar-me *como se apenas o psicológico estivesse em exame*. Porque não consigo encaixá-los [o orgânico e o psicológico] é algo que nem sequer comecei a examinar (Masson, 1986, p. 327; grifos nossos).

A “psicologia” a que ele faz referência aqui é aquela que acabou publicada como o capítulo 7 da obra de 1900 (“A psicologia dos processos oníricos”). De certa maneira, deve-se reconhecer que essa psicologia acabou ficando “suspensa no ar”, ao contrário do que Freud desejava, e que a dificuldade de imaginar os nexos entre o psíquico e o somático não pôde ser superada ao longo de toda a sua obra. Não obstante, o que procuramos mostrar aqui é que essa superação permaneceu como um projeto e como um horizonte para a teorização freudiana, de modo que é compreensível que a elaboração dos modelos metapsicológicos a tenha constantemente levado em conta. Isso é algo que transparece, por exemplo, na constante reafirmação de sua provisoriedade. A metapsicologia permanece, portanto, sempre na condição de um “como se”, como Freud se exprime em 1898, mas não porque ele tivesse desistido da ideia de configurar a psicologia como uma ciência natural e continuasse apenas a empregar metaforicamente — sabe-se lá por que — uma linguagem naturalista. Ao contrário, esse “como se” se justificava pelo fato de que, aos olhos de Freud, os processos mentais só poderiam ser, em última instância, processos físicos cerebrais, e qualquer psicologia permaneceria

incompleta e provisória e valendo-se de uma linguagem parcialmente figurada enquanto não incluísse sua descrição e sua caracterização funcional nesses termos. O programa inicial de formulação de uma teoria explicitamente neurológica da mente teve que ser abandonado, como vimos, devido a essa limitação do conhecimento científico disponível – uma limitação que Freud ainda reconhece no final de sua vida. Mas isso não representou, de forma alguma, o abandono da ideia de que uma psicologia naturalista como a pretendida por ele teria forçosamente que ser uma neuropsicologia, ainda que, para o momento, esta só pudesse assumir o formato especulativo da metapsicologia, em função das limitações impostas pelo “estado atual da arte” com o qual convivia.

Procuramos argumentar aqui que Freud, de fato, não só abandonou, como também criticou, enfática e minuciosamente, certa concepção neurológica específica. Essa concepção foi a *teoria das localizações cerebrais*, na formulação que esta recebia na neurologia do século XIX, assim como a teoria sobre a relação mente-cérebro adotada por ela – o *paralelismo psicofísico*. Mas essa recusa é perfeitamente inaugural do pensamento freudiano, data do ensaio sobre as afasias em 1891 (se não de antes) e pode ser considerada como o passo inicial da fundação da metapsicologia. Esta se definiria assim como um trabalho conceitual direcionado para a construção de *modelos não-isomórficos da relação mente-cérebro*, ainda que formulados em linguagem predominantemente psicológica, pelas razões apontadas acima. A matéria-prima, por assim dizer, para esse trabalho foram os dados fornecidos pela observação clínica e psicológica, sobretudo aquela propiciada pelo método psicanalítico, o qual fornecia um tipo de material que permitia ir além daquilo imediata e atualmente presente na experiência do sujeito e acessível à introspecção. As passagens nas quais tipicamente se expressaria a recusa freudiana da neurologia e sua opção incondicional pela psicologia podem perfeitamente ser interpretadas como reiteraões dessa recusa inaugural do localizacionismo. Essa leitura tem a vantagem de conferir maior consistência à obra freudiana e não nos obrigar a desconsiderar suas manifestações periódicas de apreço pela abordagem neurológica como irrelevantes, além de apontar para a viabilidade dos estudos integrativos que começam hoje a multiplicar-se. Faz também de Freud um crítico precoce da tese do isomorfismo mente-cérebro e do afã localizacionista que tende periodicamente a ressurgir, na esteira de inovações metodológicas e tecnológicas, como acontece contemporaneamente com os métodos de neuro-imageamento funcional. Uttal (2001), por exemplo, fala não somente de um “novo localizacionismo”, mas de uma “nova frenologia”, como forma de enfatizar a inadequação de qualquer projeto localizacionista, antes que se disponha de uma teoria psicológica suficientemente consistente para fornecer uma ideia minimamente precisa de que tipo de coisa se pretende localizar.

O reconhecimento dessa atitude teórica em Freud tem consequências imediatas para a justificação dos estudos integrativos contemporâneos entre a psicanálise e as

neurociências. Esses estudos visam não apenas fornecer uma fundamentação e um conteúdo empírico suplementar a conceitos centrais da psicanálise, mas também se endereçam às questões clínicas e técnicas, como a investigação das modificações cerebrais decorrentes da intervenção psicoterapêutica, a qual fornece uma comprovação empírica mais direta da eficácia desse tipo de intervenção, para além das evidências clínicas que advêm do acompanhamento da evolução dos casos assim tratados (cf. Etkin *et al.*, 2005). É impossível discutir esse tópico aqui em toda a sua extensão. Comentemos, no entanto, apenas um exemplo de como nossa interpretação do sentido da metapsicologia freudiana pode convergir com os estudos integrativos contemporâneos, baseados em investigações empíricas do funcionamento cerebral.

Desde o início da década, investigações neurocientíficas têm-se voltado para a *atividade cerebral intrínseca*, e não mais apenas para aquela relacionada com a realização de tarefas cognitivas específicas ou para a reação e o processamento de estímulos oriundos do exterior. Esses estudos, entre outras conclusões, levaram à formulação da hipótese da existência de um *modo default da função cerebral* (*default mode of brain function*) (cf. Raichle *et al.*, 2001; Raichle & Snyder, 2007). Esse modo de funcionamento encontra-se anatomicamente relacionado a uma *rede do modo default* (*default mode network*), formada por um conjunto de áreas cerebrais que apresenta um alto nível de atividade e conectividade quando o cérebro está supostamente em “repouso” — isto é, não engajado numa tarefa específica voltada para um problema ou objetivo que se apresenta desde o exterior —, as quais decaem consistente e significativamente quando este se engaja numa tal tarefa. Já foi sugerido que a significação funcional dessa rede e desse modo de atividade cerebral corresponderia ao conceito metapsicológico de ego, tal como formulado por Freud:

Dadas as muitas diferentes funções do ego, seria contraintuitivo sugerir que ele está “hospedado” numa dada região singular do cérebro. Baseados num grande número de estudos por neuro-imagem, propomos que uma rede de regiões altamente conectadas, incorporando principalmente o córtex pré-frontal medial [medial prefrontal cortex (mPFC)], o córtex cingulado posterior [posterior cingulate cortex (PCC)], o lóbulo parietal inferior [inferior parietal lobule (IPL)] e as regiões temporais mediais preenchem muitos dos critérios do ego freudiano. Esse conglomerado de atividade tem sido nomeado como ‘rede do modo default’ [default mode network (DMN)]. Uma análise recente de um grande número de voluntários saudáveis mostrou que a conectividade dentro da DMN experimenta uma acentuada intensificação com a maturação, da infância à idade adulta. A atividade no nóculo mPFC da DMN tem sido associada proximamente com a autorreflexão (...) e evidências recentes sugerem que o mPFC exerce um papel causal preponderante dentro da

rede. O PCC e o IPL têm sido associados com a propriocepção, e o PCC e as regiões temporais mediais têm sido associados com a recuperação de memórias autobiográficas. A DMN mostra um alto nível de conectividade funcional em repouso. A atividade nessa rede decresce consistentemente durante o engajamento na cognição dirigida a metas, e a conectividade dentro da rede tende a decrescer durante estados de consciência reduzida. *Expressando isso em termos freudianos, a cognição dirigida a metas requer um deslocamento de libido (energia) do reservatório egóico (a DMN) e o seu investimento em objetos (...). Há evidências de que essa função está prejudicada num grande número de distúrbios psiquiátricos, incluindo a depressão* (Carhart-Harris et al., 2008, p. 9; grifos nossos).

Para além da hipótese específica da correspondência desse sistema com o ego freudiano, é interessante notar que esse sistema se encontra funcionalmente – e não anatomicamente – unificado, reproduzindo a relação entre o lugar psíquico e o lugar anatômico em Freud, tal como se procurou evidenciar acima. Ele constituiria, assim, um *sistema funcional*, tal como essa noção foi classicamente definida por Luria (1973, por exemplo), cuja afinidade com o modo como se definem as instâncias da tópica freudiana não deixaria de ser interessante examinar. Seja como for, este parece ser um exemplo ilustrativo de como a perspectiva aqui sugerida para a leitura da metapsicologia pode fornecer o contexto teórico adequado para a justificação e fundamentação desse tipo de aproximações.

Em suma, o interesse do pensamento de Freud para o debate contemporâneo não se restringiria assim ao fato dele ter elaborado uma teoria psicológica abrangente que ainda parece ser promissora e sugestiva, tanto epistemologicamente quanto metodologicamente. Ele, além disso, teria edificado essa teoria sobre uma crítica rigorosa e sistemática, como poucas outras, das concepções isomórficas da relação mente-cérebro. Essa crítica foi aplicada inicialmente ao localizacionismo típico das últimas décadas do século XIX, mas é, em princípio, de alcance bem mais geral, podendo fornecer *insights* utilizáveis para a discussão da inviabilidade de todo e qualquer isomorfismo desse tipo. O Freud neurologista que permanece latente ao desenvolvimento da psicanálise deixa, então, de aparecer como um resíduo anacrônico de uma concepção ultrapassada de uma ciência da mente e alinha-se com um debate contemporâneo, ao qual ele revela ainda ter muito a contribuir. Sua maior originalidade pareceria, assim, residir naquilo que é muitas vezes apontado como suas limitações e como o aspecto mais datado de seu pensamento: seu cientificismo, seu naturalismo, seu apego a explicações neurobiológicas e, enfim, o estilo geral da teorização metapsicológica.☞

A METÁFORA PSICOLÓGICA DE SIGMUND FREUD...

AGRADECIMENTOS. Este trabalho está relacionado ao projeto *Psicanálise, ciência e neurociência: Freud e a epistemologia das ciências da mente contemporâneas*, financiado pelo Conselho Nacional para o Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) com uma Bolsa de Produtividade em Pesquisa concedida a Richard Theisen Simanke, que agradece aqui pelo apoio recebido.

Richard THEISEN SIMANKE

Professor Associado do Departamento de Filosofia
e Metodologia das Ciências,
Universidade Federal de São Carlos, Brasil.
richardsimanke@uol.com.br

Fátima CAROPRESO

Professora Adjunta do Departamento de Psicologia,
Universidade Federal de Juiz de Fora, Brasil.
fatimacaropreso@uol.com.br

ABSTRACT

This paper discusses the relationship between Freud's neurological and psychoanalytical work, and what can be established about the degree of continuity or rupture between them. In the first place, it discusses the evidence for the persistence of a neurological orientation even during the most typically psychoanalytic period of Freud's work, and argues that his references to neurological matters are not merely circumstantial or episodic, but always related to important aspects of his metapsychological ideas. Secondly, comments are made on some of the passages where Freud supposedly reiterated the renunciation of his early project for a neurological theory of mind; and it is argued that the only thing Freud rejected in these passages is the theory of brain localizations, a theory he had rejected from the outset of his work. From this standpoint, the originality of the Freudian psychoanalysis does not consist in the formulation of an exclusively psychological theory of the conscious and unconscious mind, but in the construction of non-isomorphic theoretical models of the mind-brain relationship that are at the core of the theory of the psychic apparatus and all the metapsychological concepts related to it.

KEYWORDS • Freud. Metapsychology. Neurology. Psychology. Mind-brain problem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDRADE, V. M. *Um diálogo entre a psicanálise e a neurociência*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.
BILDER, R. & LEFEVER, F. (Ed.). *Neuroscience of the mind on the centennial of Freud's project for a scientific psychology*. New York: New York Academy of Sciences, 1998.
BOURGUIGNON, A. Alguns problemas epistemológicos colocados no campo da psicanálise freudiana. In: _____. *O conceito de renegação em Freud e outros ensaios*. Rio de Janeiro: Zahar, 1991. p. 101-38.

- CARHART-HARRIS, R. L. et al. Mourning and melancholia revisited: correspondences between principles of Freudian metapsychology and empirical findings in neuropsychiatry. *Annals of General Psychiatry*, 7, p. 9, 2008.
- CAROPRESO, F. *Freud e a natureza do psíquico*. São Paulo: Annablume/FAPESP, 2010.
- CAROPRESO, F. & SIMANKE, R. T. Uma reconstituição da estratégia freudiana para a justificação do inconsciente. *Ágora – Estudos em Teoria Psicanalítica*, 11, 1, p. 31-51, 2008.
- CRICK, F. *The astonishing hypotheses: the scientific search for the soul*. London: Touchstone, 1994.
- CRICK, F. & KOCH, C. Towards a neurobiological theory of consciousness. *Seminars Neurocientífica*, 2, p. 263-75, 1990.
- DALBIEZ, R. *O método psicanalítico e a doutrina de Freud*. Rio de Janeiro: Agir, 1947.
- ETKIN, A. et al. Toward a neurobiology of psychotherapy: basic science and clinical applications. *Journal of Neuropsychiatry and Clinical Neurosciences*, 17, p. 145-58, 2005.
- EXNER, S. *Entwurf zu einer physiologischen Erklärung der psychischen Erscheinungen*. Frankfurt: Harri Deutsch, 1999 [1894].
- FREUD, S. *On aphasia: a critical study*. New York: International University Press, 1953 [1891].
- _____. Preface to the translation of Bernheim's *Suggestion*. In: STRACHEY, J. (Ed.). *The standard edition of the complete psychological works of Sigmund Freud*. London: The Hogarth Press/The Institute of Psychoanalysis, 1975 [1888]. v. 1, p. 73-88.
- _____. Project for a scientific psychology. In: STRACHEY, J. (Ed.). *The standard edition of the complete psychological works of Sigmund Freud*. London: The Hogarth Press/The Institute of Psychoanalysis, 1975 [1895], v. 1, p. 283-397.
- _____. The interpretation of dreams. In: STRACHEY, J. (Ed.). *The standard edition of the complete psychological works of Sigmund Freud*. London: The Hogarth Press/The Institute of Psychoanalysis, 1975 [1900]. v. 5.
- _____. The claims of psychoanalysis to scientific interest. In: STRACHEY, J. (Ed.). *The standard edition of the complete psychological works of Sigmund Freud*. London: The Hogarth Press/The Institute of Psychoanalysis, 1975 [1913]. v. 13, p. 165-191.
- _____. On narcissism: an introduction. In: STRACHEY, J. (Ed.). *The standard edition of the complete psychological works of Sigmund Freud*. London: The Hogarth Press/The Institute of Psychoanalysis, 1975 [1914]. v. 14, p. 67-102.
- _____. The unconscious. In: STRACHEY, J. (Ed.). *The standard edition of the complete psychological works of Sigmund Freud*. London: The Hogarth Press/The Institute of Psychoanalysis, 1975 [1915], v. 14. p. 159-204.
- _____. Introductory Lectures on Psychoanalysis. Lecture XXIV: The common neurotic state. In: STRACHEY, J. (Ed.). *The standard edition of the complete psychological works of Sigmund Freud*. London: The Hogarth Press/The Institute of Psychoanalysis, 1975 [1916-1917]. v. 16, p. 378-92.
- _____. Beyond the pleasure principle. In: STRACHEY, J. (Ed.). *The standard edition of the complete psychological works of Sigmund Freud*. London: The Hogarth Press/The Institute of Psychoanalysis, 1975 [1920]. v. 18, p. 1-66.
- _____. An outline of psychoanalysis. In: STRACHEY, J. (Ed.). *The standard edition of the complete psychological works of Sigmund Freud*. London: The Hogarth Press/The Institute of Psychoanalysis, 1975 [1938]. v. 23, p. 139-207.
- FULGÊNCIO, L. O Projeto como metáfora biológica dos processos psíquicos. *Revista de Psicologia da USP*, 15, 3, p. 117-35, 2004.
- GARCÍA-ROZA, L. A. *Freud e o inconsciente*. Rio de Janeiro: Zahar, 1984.

- GILL, M. Metapsychology is not psychology. In: GILL, M. & HOLZMAN, P. (Ed.). *Psychology versus metapsychology: psychoanalytic essays in memory of George S. Klein*. New York: International University Press, 1976. p. 71-105.
- GILL, M. & HOLZMAN, P. (Ed.). *Psychology versus metapsychology: psychoanalytic essays in memory of George S. Klein*. New York: International University Press, 1976.
- GRÜNBAUM, A. *The foundations of psychoanalysis: a philosophical critique*. Berkeley/Los Angeles: University of California Press, 1984.
- HEAD, H. *Aphasia and kindred disorders of speech*. London: Cambridge University Press, 1926.
- HENDERSON, V. W. Sigmund Freud and the diagram-maker school of aphasiology. *Brain and Language*, 43, p. 19-41, 1992.
- HOLT, R. *Freud reappraised: a fresh look at psychoanalytic theory*. New York/London: The Guilford Press, 1989.
- KANDEL, E. *Psychiatry, psychoanalysis, and the new biology of mind*. Washington, DC: American Psychiatric Publishing Inc., 2005.
- LURIA, A. *The working brain*. New York: Basic Books, 1973.
- MANNONI, O. *Freud*. Paris: Seuil, 2002.
- MASSON, J. M. (Ed.) *A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess (1887-1904)*. Rio de Janeiro: Imago, 1986.
- PANHUYSSEN, G. The relationship between somatic and psychic processes: lessons from Freud's *Project*. In: BILDER, R. & LEFEVER, F. (Ed.). *Neuroscience of the mind on the centennial of Freud's project for a scientific psychology*. New York: New York Academy of Sciences, 1998. p. 20-42.
- POLITZER, G. *Critique des fondements de la psychologie*. Paris: Rieder, 1928.
- PRIEBRAM, K. & GILL, M. *Freud's project reassessed*. London: Hutchinson & Co, 1976.
- RAICHEL, M. E. et al. A default mode of brain function. *Proceedings of the National Academy of Sciences, U.S.A.*, 98, p. 676-82, 2001.
- RAICHEL, M. E. & SNYDER, A. Z. A default mode of brain function: a brief history of an evolving idea. *NeuroImage*, 37, p. 1083-90, 2007.
- RICOUER, P. *De l'interprétation: essai sur Freud*. Paris: Seuil, 1965.
- RIESE, W. Freud's concepts of brain function and brain disease. *Journal of Mental and Nervous Disease*, 127, 4, p. 287-307, 1958.
- SAFATLE, V. & MANZI, R. (Ed.). *A filosofia após Freud*. São Paulo: Humanitas, 2008.
- SIMANKE, R. T. Memória, afeto e representação: o lugar do Projeto no desenvolvimento inicial da metapsicologia freudiana. *Olhar – Revista do Centro de Educação e Ciências Humanas da Universidade Federal de São Carlos*, 12-13, p. 12-40, 2005.
- _____. Cérebro, percepção e linguagem: elementos para uma metapsicologia da representação em *Sobre a concepção das afasias* (1891) de Freud. *Discurso*, 36, p. 55-94, 2006.
- _____. Metapsicologia da representação: alcance e limites da reflexão metapsicológica freudiana. In: SAFATLE, V. & MANZI, R. (Eds.). *A filosofia após Freud*. São Paulo: Humanitas, 2008. p. 235-60.
- SIMANKE, R. T. & CAROPRESO, F. O conceito de consciência no *Projeto de uma psicologia* de Freud e suas implicações metapsicológicas. *Trans/Form/Ação – Revista de Filosofia*, 28, 1, p. 85-108, 2005.
- SMITH, D. L. Sigmund Freud and the Crick-Koch hypothesis: a footnote to the history of consciousness studies. *International Journal of Psychoanalysis*, 80, p. 543-8, 1999.
- SOLMS, M. Before and after Freud's project. In: BILDER, R. & LEFEVER, F. (Eds.). *Neuroscience of the mind on the centennial of Freud's project for a scientific psychology*. New York: New York Academy of Sciences, 1998. p. 1-10.

- SOLMS, M. & SALING, M. On psychoanalysis and neuroscience: Freud's attitude to the localizationist tradition. *International Journal of Psychoanalysis*, 67, p. 397-416, 1986.
- SOLMS, K. & SOLMS, M. *O que é neuropsicanálise? A real e difícil articulação entre a neurociência e a psicanálise*. São Paulo: Terceira Margem, 2004.
- STRACHEY, J. (Ed.). *The standard edition of the complete psychological works of Sigmund Freud*. London: The Hogarth Press/The Institute of Psychoanalysis, 1975. 24v.
- UTTAL, W. R. *The new phrenology: the limits of localizing cognitive processes in the brain*. Cambridge, MA: The MIT Press, 2001.

